

CAPITULO II

À MARGEM
DO GRUPO DA INFANTA

«E se a ellas (as mulheres) lhes fôra licito irem ás
escolas e estudos publicos e aprenderem como os ho-
mens, não ha duvida senão que fôra mui grande o nu-
mero das letradas que poderam meter em confusão a
muitos homens que nas escolas aprenderam muitos
annos, e nellas tomaram graos.

DUARTE NUNES DE LEÃO

(«*Descrição do reino de Portugal*»)

CAP. LXXXX

PUBLIA HORTENSIA

«Publia Hortensia» foi, segundo parece, um nome de elogiosa crisma que mereceu, pelos seus espantosos dotes de talento, uma linda rapariga de apelido Castro, natural de Vila Viçosa, filha de nobres de linhagem, e que nasceu pelos meados do século XVI.³⁹ Apesar de não ter sido inspiradora de poetas áulicos nem objecto de muitas referências laudatórias, o seu nome conseguiu chegar até nós, quasi sempre incluído, erroneamente, entre os das eruditas que constituíram o chamado grupo da Infanta.

E' natural que a fama de Publia Hortensia tivesse sido espalhada pelos seus conterrâneos que se orgulhavam de possuir, entre muros da sua vila natal, uma autêntica maravilha de engenho e sapiência. Corre a versão de que foi tão grande a febre de saber que atacou a jovem Publia Hortensia que, logo em tenra idade, tomou a estranha resolução de envergar trajos masculinos para poder ir em companhia de seu irmão, Jeronimo de Castro, estudar humanidades, filosofia e teologia, na florescente Universidade de Coimbra.⁴⁰

Deve existir muito de fantasioso em tão romanesca ver-

são, mas não podemos duvidar de que a menina Castro haja possuído um completo e raro temperamento de estudiosa e de trabalhadora.

André de Rezende, com setenta anos de idade e já cansado de admirar e de bem dizer, ainda encontrou palavras de honrosa justiça para incensar o novo astro que surgia: escrevendo a um amigo — um célebre jurista espanhol que, tendo estado em Portugal, não conseguira visitar a cidade de Évora — diz o velho humanista:

... «poderias ter assistido, seis dias depois da tua partida, a um espectáculo unico. Ouvias a Publia Hortensia de «Castro, uma menina de dezassete anos, instruída além do «vulgar nos estudos aristotelicos, disputar publicamente, des- «fazendo com suma pericia e graça os arguciosos argumen- «tos que lhe oppunham muitos homens doutos, esforçan- «do-se por combater as theses. E mesmo tu, ó sabio juris- «consulto, terias confessado que nunca presenceaste um tor- «neio mais formoso, nem poderias ter negado que uma cidade «que produz tal donzela (de mais a mais de figura muito «agradavel) era digna de ser visitada, e fosse sómente por «causa dela».

Era essa cidade de Évora, a que Rezende se refere, um dos grandes focos da influência jesuítica e aí fundara o Cardal-Infante a afamada Universidade pontificia que foi o desenvolvimento do velho colégio do Espirito Santo e que, durante dois séculos, rivalizou com a de Coimbra. Não era facil causar aí assombro pelo saber filosófico ou teológico e tudo nos deve levar a crer que André de Rezende não exagerou ao transmitir-nos a sua admiração pela jovem oradora.

“Como aconteceu com todas as intellectuaes do século, temos de nos satisfazer, no que respeita a aquilatar do seu mérito literário, com deducções e hipóteses, visto ser impossivel fazer qualquer exame crítico sobre obras que desapareceram.

Publia Hortensia deixou várias cartas e poesias em latim e portuguez, alguns diálogos filosóficos e religiosos («Flosculus theologialis») e dezóito psalmos traduzidos a pedido da Infanta D. Isabel de Bragança. Bastante tempo depois, as cartas e as poesias estavam ainda em poder de seu irmão e, por volta do ano de 1640, os diálogos encontravam-se arrecadados na livraria régia.

De tão fértil labor literário apenas nos restam umas curtas linhas despretenciosamente alinhavadas, que se encontram na carta-prólogo da referida tradução mandada fazer por D. Izabel, em cujo palácio de Evora, Publia Hortensia esteve instalada — talvez na qualidade de leitora — até á morte dessa Infanta e de seu filho, D. Duarte.

Filipe de Espanha, ao entrar em Portugal, concedeu á maravilha eborense uma tença anual de quinze mil reis, e não deixa de nos deslumbrar a munificência do usurpador, se nos lembrarmos que não fôra maior a renumeração que o cantor das vitórias portuguezas recebeu do «piadoso rei» cujo alto império a sua musa glorificou...

Barbosa Machado diz-nos que Publia Hortensia foi sepultada no claustro do convento dos Agostinhos de Évora, para onde talvez se retirasse quando, desencantada dos louvores mundanos, quis ir cansar, no louvor de Deus, a sua voz quente e persuasiva, instrumento obediente dum portentoso talento que recebera como uma rara mercê da Fortuna, como radiosa graça dêsse Deus que ia servir.

D. LEONOR DE NORONHA

Num capítulo⁴¹ da «Historia Genealogica da Casa Real de Bragança» de D. Antonio Caetano de Souza, capítulo em que se fala «Da Senhora D. Brites, Marqueza de Vila-Real, mulher de primeiro Marquez D. Pedro de Menezes e da sua sucessão», encontra-se uma referência que interessa ao presente estudo.

Nessa referência lê-se, textualmente, o seguinte, acêrca de D. Leonor de Noronha, quinta filha de D. Maria Freire e de D. Fernando de Menezes: «Foy Senhora de excellentes «virtudes, erudita nas humanas e Divinas letras, versada em «diversas linguas, discipula do mestre André de Rezende. «De tôdas essas prendas e da sua erudição deu ela testemu-
«nho nas obras que escreveu; a saber: a elegante tradução
«de Latim em Português das Eneidas de Marco Antonio Sa-
«belico, das quais a primeira e a segunda se imprimirão no
«ano de 1533, e as outras se conservarão manuscritas. Tra-
«tado da «Historia de Job», que imprimio no fim da Eneida.
«Hum Tratado, em que contem tres Meditações, a que ajun-
«tou uma breve declaração do Padre Nosso. Tambem im-
«primio no ano de 1552 hum livro intitulado «Principio da

«nossa Redempção», que trata das vidas de Christo, e da Virgem Maria, pelo que é louvado por muitos Escritores». ⁴³ Seguindo a indicação dada pelo paciente geneologista da casa de Bragança, podemos ainda encontrar rendidas homenagens á mesma grande dama no «Agiologio Lusitano» de Jorge Cardoso ⁴³, na «Bibliotheca Hispanica» de Nicolau António e na «Descrição do Reino de Portugal» de Duarte Nunes de Leão ⁴⁴, já não aludindo ás boas palavras que, entre outros autores, lhe dirigem, com seus habituais dizeres melifluos, Frei Luiz dos Anjos no seu «Jardim de Portugal» e Antonio de Sousa de Macedo nas suas «Flores de España, Excelencias de Portugal».

Tôdas essas menções nos indicam que de quantos serviços D. Leonor de Noronha acaso prestou ás nossas letras, nenhum lhe grangeou maior favor dos contemporâneos do que a citada tradução da obra a que elles chamam «Eneidas» e que não é mais do que o volumoso tratado de história universal, dividido em onze partes — e por isso chamado «Eneades» — de que foi autor Marco António Cocci, humanista italiano do seculo XV, que tomou o nome de Sabellico na Academia Romana instituida pelo filósofo Pomponius Laetus.

D. Leonor de Noronha deu á sua tradução o título de «Coronica Geral de Marco Antonio Cocci Sabellico des ho começo do mundo até nosso tempo», e ofereceu-a á rainha D. Catarina, com uma dedicatória humilde em que diz da sua justiça sobre os motivos porque se resolveu a empreender o seu trabalho, que seria inglório se não lhe estivesse reservada uma desvanecedora e subida honra: ao trasladar para «lingoagê Portugues» a obra de Sabellico, apenas visava ao objectivo de fazer com que as damas da côrte entretivessem os seus ócios em ler verdades e não fabulas, e se escolheu as «Rhapsodiae» do historiador italiano foi não só por elas constituírem uma «coronica muy geral» e porque o

autor chegou a contar até ao tempo dos reis avós de D. Catarina, como tambem por estar o livro escrito em bom latim que seria proveitoso cotejar com a versão portugueza.

As restritas ambições da tradutora ⁴⁵ devem ter-se realizado, mas o seu nome é que perderia o seu maior título de notoriedade a não se dar uma circunstância que lhe foi extremamente lisongeira: essa circunstância é a de, presumivelmente, D. Leonor de Noronha, por intermédio da sua tradução, ter facilitado o estudo da História Geral ao cantor da nossa história.

D. Francisco de Noronha, segundo conde de Linhares e primo co-irmão da tradutora de Sabellico, estava unido a Camões por uma boa e protectora amizade, e não é ousado supôr que foi elle quem facultou ao poeta a leitura de toda a tradução portugueza feita por sua prima.

Esse trabalho encontrava-se ainda, na sua maior parte, manuscrito, pois que — segundo os autores citados — só chegaram a ser impressas, em 1550 e 1553, a primeira e a segunda das «Eneades».

Se D. Leonor de Noronha não houvesse empreendido a citada tradução, não faltariam historiadores a quem recorresse a fecunda e providencial curiosidade do nosso épico, mas nem por isso o simples facto dêle ter sido leitor atento das suas bem notadas regras, deixa de constituir o maior braço de honra de quem possuia pergaminhos de tão alto valor e era filha illustre dum marquês-conde de Vila Real, capitão governador de Ceúta e sucessor dum dos mais vastos senhorios portuguezes.

D. IZABEL DE CASTRO E ANDRADE

D. Isabel de Castro e Andrade, que deve ter nascido entre os anos de 1530 e 1535, pode gabar-se de ter sido uma das raras, senão a única das mulheres portuguesas do século XVI que deixaram versos destinados a chegarem até aos nossos dias e a serem bastante acessíveis a qualquer curiosidade.

Parece que seu pai, D. Alvaro Peres de Andrade, senhor de ricos pergaminhos e de mais ricas terras, levou em gosto dar-lhe uma educação esmerada, desejo que teve talvez uma realização demasiado completa, porque D. Isabel não só conseguiu aprender as linguas antigas e as sciências humanas e divinas como chegou a sentir-se tão recheada destas últimas que ousou defender conclusões públicas de Teologia, no convento do Varatojo.

É provavel que, no seu tempo — em que floresceu uma Publica Hortensia e em que as Infantas falavam latim — tal facto causasse apenas admiração e não provocasse o escandalo que dêle veio a resultar, em pleno século XIX, quando Costa e Silva resolveu consagrar a D. Isabel de Castro alguns comentários, no seu «Ensaio Biográfico e Crítico». ⁴⁶

O espirito crítico do autor do «Ensaio» que, aliás, parece estar animado das mais excelentes e prestáveis intenções didácticas—revela-se sobremaneira infeliz nas quatro páginas dedicadas a D. Isabel de Castro, porque não contente em censurar a representante literária de determinada época por um acto que então era normal e corrente — confundindo assim as qualidades duma erudita do século XVI com as vaidades duma burguesa romântica —, ainda tira dos acidentes biográficos da autora estudada algumas conclusões que apenas fazem sorrir.

Por várias circunstâncias impossíveis de averiguar, acontece que dos escritos de D. Isabel de Castro apenas restam duas amostras de valor assaz relativo, mas Costa e Silva julga-se no direito de poder afirmar que ela deveria ter produzido bastante, porque viveu isenta de desgostos e rodeada de sossêgo e de riqueza, ou seja, «na posse daquelle ocio, e descanso, que as Musas demandam, e que raras vezes conseguem».

Por semelhantes palavras, deduz-se qual a parte que o citado crítico reservava á emoção espontânea e á sinceridade sentimental, dentro da inspiração sugerida por determinadas musas que—ao contrário das que inspiraram Camões e Bernardim e tantos outros poetas aventureiros e sofreadores—precisavam apenas, para serem fecundas, de respirar numa atmosfera limpa de cuidados e de trabalhos.

Quási todos os autores que aludem a D. Isabel de Castro e Andrade são unânimes em lhe reconhecer duas prendas de muito diversa índole, mas ambas raras e curiosas: quási todos aceitam que ela deu a lume dois sonetos mais ou menos impecáveis na forma, e deu á luz dois filhos⁴⁷, numa idade em que semelhante facto já se pode qualificar de surpreendente.

Depois de terem vasculhado até encontrar tão estapafúrdio pormenor, os biógrafos costumam transcrever os sonetos, um dos quais se encontrava gravado no frontespício duma capela sob a invocação de Christo crucificado, e que ocupava o lugar dum antigo fôrno onde se cozera a cal para as obras do convento de Varatojo.

O referido soneto foi «seraficamente» recolhido pelo padre que escreveu a terceira parte duma «Historia seraphica da Provincia de Portugal» e, apesar do seu versinho de pé quebrado⁴⁸ e da sua solenidade enfática, revela um certo conhecimento técnico da custosa arte de Petrarca e é menos gongórico do que se esperaria duma autora que quási viu surgir o século XVII.⁴⁹ No entanto, afirmar duma maneira absoluta que o estilo é simples e não gongórico, que as idéas são graves e naturais,⁵⁰ parece-me favor que ninguém supplicou e uma afirmação demasiado categórica.

Todo o soneto é, por assim dizer, uma antítese, e os versos finais, com o seu paralelismo — um pouco menos frequente nos quinhentistas do que nos adeptos de Gongora — revela mesmo uma já pronunciada simpatia por um bordão estilístico que viria a ser muito querido.

Eis o fraco soneto que, pelo menos, resistiu três seculos:

Cheia de furiosa flamma ardente
A dura Pedra, sendo aqui lançada,
Em pó miudo, e branco transformada,
Neste forno já foi antigamente.

Outra transformação mais excellente
Por mais suave flamma he já aqui dada;
Antes a duras pedras costumada,
Agora a corações de dura Gente.

Edifícios na Terra então fazia,
Edifícios no Ceo levanta agora,
Vêde a transformação daquelle effeito!

Passou de noite escura a claro dia,
Com tão grande vantagem se melhora,
Que então abrandou pedras, hoje o peito!

Compulsando o tomo primeiro dos «Comentarios ás Rythmas Varias» de Luiz de Camões, por Manuel de Faria e Sousa, encontra-se, a propósito dum soneto onde é celebrada a façanha da casta Lucrecia, um passo em que vem transcrita a outra produção poética de D. Isabel.

Faria e Sousa, rebuscando na sua erudição, entendeu que o terceto final do soneto que attribue a Camões:

Oh ousadia estranha! estranho feito!
Que dando breve morte ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

oferecia suas parecências⁵¹ com os três ultimos versos dum soneto attribuido por toda a gente a D. Isabel de Castro e escrito em louvor do poema épico «Araucana», de que foi autor Allonso de Ercilla, poema que, na opinião de Voltaire, seria a primeira epopeia espanhola.

O comentador das «Rythmas», depois de explicar o motivo porque veiu á baila o mencionado soneto (a que D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira, se refere, no prólogo do seu poema «Henriqueida», dizendo que a pequena produção da nossa poetisa muito contribuiu para a reputação da obra de Ercilla) copiou-o todo — não se sabe donde — e expoz as razões que a isso o impelião: «Muevenme a ello dós razones: una, que está en nombre de D. Isabel de Castro y Andrade, Señora Portuguesa; outra,

que bien puede ser le hiziesse Luis de Camões en nombre della; porque el empezava a florecer entonces; y el estilo puede ser suyo: y si es della, será gustoso el saberse que ya en aquel tiempo tuvimos una muger que escribia un fan limpio Soneto».

Semelhantes razões do prolixo mas pouco cuidadoso panegerista de Camões seriam deveras lisongeiras para D. Isabel, que se nunca foi intitulada mestra do genial épico — como diz o autor do «Theatro Heroico» — podia gabar-se de que uma composição sua fazia lembrar as subscritas por tão famoso nome.

Se D. Isabel tivesse podido ler o comentário do autor da «Fuente de Aganipe» com certeza que se sentiria desvanecida, mas como essa ilusão de glória desceria a proporções minguadas, quando lesse também, um pouco mais abaixo, a inconsciente e crua ofensa que vinha dirigida a todos os seus contemporâneos, mórmente aos do seu sexo! Depois de transcrever o soneto, Faria e Sousa acrescenta o seguinte recadinho só amavel para o poeta-cavaleiro, para aquêle que logo se sentia perturbado perante «um mover de olhos brando e piedoso», e que decerto o regeitaria, indignado: «Yo no creo que muger hizo este Soneto, y menos en aquella edad; ni que en ella ubo hombre que le pudiesse hazer tal sino mi P. (poeta)».

Para os leitores conhecerem «tôdas» as obras conhecidas⁵² de D. Isabel de Castro e Andrade, transcreverei ainda o discutido soneto, ao qual é provavel que Camões «fizesse cara»:

Araucana Nação, mais venturosa,
Mais, que quantas hoje ha, de gloria dina,
Pois na prosperidade, e na ruina
Sempre invejada estaes, nunca invejosa.

Si enrista o illustre Alfonso a temerosa
 Lança; si arranca a espada, que fulmina,
 Creio que julgareis que determina
 Só conquistar a terra bellicosa.

Fará; mas não temais essa mão forte,
 Que só vos tira a liberdade, e a vida;
 Ella vos pagará bem largamente.

Que a troco de huma breve, e honrada morte,
 Em seu divino estylo esclarecida,
 Deixará vossa terra eternamente.

Costa e Silva estranha que o soneto de D. Isabel não esteja incluído numa colecção de poesias laudatórias do poema espanhol, que veem juntas á sua edição de 1580.

Apezar da hora de quebrantados sentimentos patrióticos que esta data recorda, é verosímil que D. Isabel preferisse não ver a sua pequena composição misturada com as dos poetas espanhoes que louvam uma obra onde se encontra a exposição dos direitos de Filipe II ao trono de Portugal. Tal particularidade da obra de Ercilla parece-me que tão somente bastaria para que ninguém — e muito menos um adepto⁵³ de Cristovão de Moura — se lembrasse de attribuir o mediocre soneto de D. Isabel de Castro e Andrade á pena redentora de quem tão bem soube amar a Pátria.

Não seria porventura descabido acrescentar aos nomes de Publía Hortensia, de D. Leonor de Noronha e de D. Isabel

de Castro — espécie de «dissidentes» do grupo da Infanta, — os de outras mulheres que, nêsse mesmo século XVI, deixaram fama literária, mais ou menos retumbante.

Não seria descabido nem interessante, porque se algumas delas talvez só devam a qualquer injustiça do destino não gozarem de tão grande renome como as suas já citadas companheiras, a verdade é que perante a impossibilidade de remediar tal contratempo, apenas seria licito dar uma lista de nomes, acompanhados dum ou outro pormenor rebuscado num aterrador sumiço, o das retesadas folhas de tantos livros velhos que os conventos legaram.

Que proveito haveria, por exemplo, em ficar mais uma vez arquivado que o autor do «Theatro Heroino» e do «Agiologio Lusitano» deram fé de ter nascido, pelo ano de Christo de 1579, uma certa *Antonia da Trindade*⁵⁴ que, depois de ter cursado a Universidade de Coimbra — envergando trajos masculinos, evidentemente! — e de ter feito boa figura no mundo literário, veio a professar num convento de Franciscanos?

Para poder dar notícias semelhantes, só se pode lutar com o embaraço da escolha.

Sabemos que por êsse tempo existiu uma portuguesa de nação, chamada *Antonia de Rojas* ou *Roxas* que, se não achou dignas dum poema as suas próprias desgraças — em que sobressaia a perda de seu filho, Pedro de Vasconcelos, que morrera combatendo na India — entendeu que, pelo menos, mereciam a composição de duas obras de miscelanea em prosa e verso.⁵⁵

Vários autores nos querem persuadir e fazer lembrar de que por essa época floresceu — mas como flor de muito curto e suave viver — uma *D. Maria* ou *D. Ana de Noro-*

Faló en la ed. de 1590 por pte. 15.
 179. ed. Carlota

nha que foi «illustre pelo sangue, grandes prendas, juizo e condição», filha de D. Madalena de Vilhena e de Manuel de Sousa Coutinho — máscaras de tragédia que, na ribalta da poesia e da ficção, embalaram uma nova e romântica infância do teatro português.⁵⁶

Ha noticia duma obra mandada imprimir pelo cardeal-rei e que se chamou «Consolação do nosso desterro», a qual foi dedicada á rainha D. Leonor pela autora — *Guiomar de Jesus* — que, abrindo excepção entre as letradas contemporâneas e as do século seguinte, parece não ter sido freira, nem mesmo noviça.⁵⁷

Chegou até aos nossos dias um livrinho intitulado «Da fundação do Mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memoria que nelle se deram», do qual foi autora *Sóror Maria do Baptista*, freira que escreveu com propriedade e elegância e a quem a vida mundana, com seus tão desejados prazeres, poderia sorrir, se não fosse a sua exemplar modéstia junta a uma sincera vocação religiosa. Essa freirinha que viveu amortalhada em seu «desamovavel burel» — como ela própria diz — era filha de Luiz Teixeira Lobo, aio de el-rei D. João III, e tendo vivido⁵⁸ na época em que a côrte festejava as Sigêas e outras poliglotas e sabichonas de igual jaez, não lhe seria difficil sair da penumbra e, invocando o seu nascimento de qualidade, vir hombrar com as mais notáveis das suas contemporâneas, tirando assim maior juro de glória ou fama das suas aptidões literárias e dos seus incontestáveis dotes de intelligência.

Preferiu mal deixar ouvir a sua voz apagada, contando ás gerações vindouras — que nunca a leram, nem souberam da sua existência — a história da fundação dum convento,

os milagres de que êle foi teatro e as mercês feitas pelos reis ás «muito magnificas e virtuosas senhoras freiras»⁵⁹ que o povoaram.

Preferiu, ao contrário de tantos autores mediocres, sempre abundantes em todos os séculos, não falar muito de si e fazer estendal duma incompetência não demonstrada mas confessada com esta singular convicção e êste inconsciente e singelo ar conceituoso». «A esperança de coisas grandes desacredita o effeito d'ellas, e o pouco que se espera das pequenas faz estimação do que na verdade a não tem: isto me deu confiança para o intento d'esta humilde obra, porque sabido a ordenei, e conhecidas as faltas que em mim ha, para estas e semelhantes emprezas, até o que n'ella fôr imperfeito, fará muita vantagem ao que se espera».⁶⁰

¿Mas de que serviria continuar a enfileirar e a colleccionar nomes, a reunir particularidades, a apontar títulos e datas?

A falta de documentação e de informes categóricos e dignos de confiança, apenas permitiria cumprir uma tarefa quasi penosa, enfadonha e sem qualquer vestigio de interesse.

Nas anafadas crónicas onde se lê a história de várias ordens religiosas, é frequente deparar com alusões a figuras femininas que, simultaneamente, honraram a vida monacal com suas virtudes e as letras com os seus escritos. Tôdas essas alusões se resumem, porém, a frases de ingénua admiração, muitas vezes embonecadas entre complicados arrebiques, raras vezes espiritalizadas por uma graciosa, pueril e quasi enternecedora boa fé.

Em monografias de santas e de mártires, em catálogos de velhas livrarias, em obras de bibliografia geral não raro se encontram diversos esclarecimentos, nem mais úteis nem mais documentados.

Depois de folhearmos milhares de páginas, temos uma extensa galeria de perfis ascéticos, uniformes sob a sua difusa coloração, impenetráveis dentro da sua renúncia muda e resignada. Qualquer tentativa de análise crítica ou psicológica vai quebrar-se na impassibilidade de muralhas que já decerto haveriam sido derrubadas, se não oferecessem tão inquebrantável resistência.

Para se poder ouvir, mais uma vez, que tôdas as letradas foram monjas e que tôdas as monjas foram virtuosas e absolutamente isentas de ruins paixões ou de simples fraquezas humanas, parece-me inútil perder tempo, neste nosso século de velocidade em que o remanso dos ocios claustrais foi substituído pela afluente preocupação de chegar depressa a qualquer fim, para logo entrar noutra princípio.⁶¹



Públia Hortênsia de Castro

Quadro existente na galeria da
Excelentíssima Senhora D. Ma-
ria Luísa Braamcamp Freire.